



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

OS(AS) SUJEITOS QUE PARTILHAM ARTE ANCESTRAL E SABERES POPULARES NA COMUNIDADE MURICI – PE

Otávio Augusto Chaves R. dos Santos; Allene Carvalho Lage

*Mestrando em Educação Contemporânea do PPGEDU, Universidade Federal de Pernambuco
e-mail: premasindhudvs@hotmail.com*

*Professora Permanente do PPGEDU, Universidade Federal de Pernambuco
e-mail: allenelage@yahoo.com.br*

Resumo: Este estudo em construção faz parte de uma dissertação de mestrado em andamento pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UFPE CAA. Mostra uma atenção central à construção dos saberes ancestrais, numa perspectiva do notório saber de mestres e mestras populares, portanto, de resistência. Como objetivo geral, buscamos compreender os processos de elaboração, de circulação e de resistência dos saberes tecidos pelos(as) mestres e mestras populares do Murici - Caruaru - PE. Assim, aborda a questão da ancestralidade e o notório saber desses sujeitos. A construção do objeto de pesquisa se dá a partir da compreensão desses conhecimentos, suas relações de ensino-e-aprendizagem, formas de resistência, partilha e de educação popular. Epistemologicamente inspira-se em teóricos que trazem Pedagogias Outras, que reconhecem diversos saberes e não apenas os científicos clássicos, como Carlos Rodrigues Brandão, Miguel Arroyo, dentre outros. Como conclusões iniciais o artigo apresenta que, de acordo com esses saberes há uma importância dada à transmissão de princípios ancestrais, tais como: respeito aos antepassados e aos mais velhos da comunidade, valorização dos saberes que existem em cada comunidade, vida comunitária e partilha.

Palavras – chaves: pedagogias ancestrais, mestres(as) populares, resistência.

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte de uma dissertação de mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE-CAA. Traz reflexões sobre os saberes populares como viga mestra da nação e como fator essencial na educação. Aborda a questão da ancestralidade e os saberes populares dos(as) sujeitos que residem na comunidade do Murici - PE. Tais abordagens são utilizadas, pois possibilitam interpretar, produzir o conhecimento e apresentar outras linguagens por meio das realidades locais. O artigo aponta que abertura do coração é o fio condutor para uma mudança de concepção, para uma nova leitura de mundo. Assim, falamos sobre o notório saber campesino do sítio Murici - Caruaru - PE e entorno.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nosso estudo tem como lócus de enunciação os próprios moradores(as) locais, seus saberes e suas histórias de vida, ou seja, as narrativas populares e a tradição oral. Acreditamos que toda manifestação cultural e saberes do campo são comunidades. Estas são chamadas comunidades tradicionais, terreiros, casas de tradição, dentre outros nomes, que guardam saberes culturais que são, na verdade, rituais - coletivos e populares. Esses rituais guardam valores como: cooperação, respeito aos mais velhos, respeito aos outros, amor e exaltação natureza e às forças da natureza, etc. Dessa forma, a construção do objeto de pesquisa se dá a partir da compreensão desses saberes, os modos de reprodução do conhecimento e as estruturas e relações de ensino-e-aprendizagem.

As comunidades que fazem parte do Murici e estão ao seu redor têm como ponto central a área de proteção ambiental do parque municipal João Vasconcelos Sobrinho e localizam-se na zona rural de Caruaru. É uma área com diversas particularidades na região do agreste, já que conta com vegetação predominante de mata atlântica. Neste contexto de floresta, há uma população que interage com o ambiente natural e partilha os saberes com a mata. Assim, há a presença de benzedeiros, raizeiros, parteiras, agricultores familiares que, na lida com a terra e com seus saberes, trazem ensinamentos e conhecimentos permeados de oralidade e ancestralidade. Trazendo um pouco de nossa experiência pessoal na região, destacamos que ao conhecer algumas personalidades mais antigas observamos e sentimos muita sabedoria dessas pessoas, que guardam em suas memórias e corações a história e a cultura local, representadas pelos saberes camponeses. Tais saberes se expressam através da tradição oral, que está diretamente relacionada ao modo de vida, portanto, constitui-se em essencial forma de transmissão da cultura. Exemplo de pessoas que são como museus vivos é o casal, dona Antônia e seu Alberto – ela benzedeira e ele raizeiro, que há mais de sessenta anos vivem ali e são guardiões de saberes ancestrais, nos quais acessam e mantêm seus costumes, conhecimentos, modos de vida, tradições, etc.

Sendo assim, o objetivo geral desse artigo é compreender os processos de elaboração, circulação e resistência dos saberes tecidos pelos(as) mestres e mestras populares do Murici mediante a compreensão dialógica com a terra, com a natureza, possuidora de uma outridade, de uma sujeitabilidade intrínseca, cujos mistérios vão sendo compartilhados pela inteligibilidade sensível e onibrançante das mestras e mestres dos saberes tradicionais.

Como objetivos específicos temos i) sistematizar as principais questões em torno do debate sobre saberes populares; ii) descrever como os(as) sujeitos, dialogam

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

seus saberes num determinado território, a partir de uma educação popular e de suas práticas de resistência/ancestralidade; e iii) identificar quem são os detentores/guardiões dos saberes das comunidades tradicionais a partir de uma educação popular e suas práticas de resistência/ancestralidade.

METODOLOGIA

Na metodologia, objetivando aprender com as vivências e experiências, assim como enriquecer o aprendizado, por meio do encontro da teoria com a realidade, optamos por uma pesquisa qualitativa, de modo que os nossos resultados possam contribuir para ampliar o conhecimento sobre as questões centrais do estudo. A nossa pesquisa utilizará o Método do Caso Alargado. Segundo Boaventura de Sousa Santos (1983), este método foi desenvolvido pela antropologia cultural. Para o autor,

Ele opõe à generalização positivista, pela quantidade e pela uniformização, pela generalização pela qualidade e pela exemplaridade. Em vez de fixar a quantidade de casos (observações) adequada, o método de caso alargado escolhe um caso ou um número limitado de casos em que se condensam com particular incidência os vetores estruturais mais importantes das economias interacionais dos diferentes participantes numa dada prática social setorial. Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, como o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou mesmo de único (SANTOS, 1983, p. 11).

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Educação Popular como resistência ancestral

O sistema de ensino na América Latina, ao nosso modo de ver, ainda segue padrões tecnicistas. A compreensão de vida é o saber fazer, savoir faire: faça e faça bem. Neste sentido, as outras dimensões são secundárias e o pensar é reduzido pela lógica da produção. Assim, o papel do docente é apenas repassar sem que haja reflexão, já que se pensa apenas na parte lógica do descartável. Além do tecnicismo há também a lógica colonial na educação. Apesar do fim das colônias há ainda uma colonização epistêmica, na qual diversos saberes são invisibilizados, silenciados e inferiorizados pelo saber científico europeu. Lutando e resistindo contra essa lógica, os coletivos, movimentos sociais, povos indígenas, dentre outros, têm reivindicado sua condição epistêmica em importantes movimentos de resistência.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Segundo Miguel Arroyo (2012), esses coletivos mostram que as concepções e práticas educativas pensadas para educa-los, civiliza-los estão condicionadas pelas formas de pensa-los, ou pelo padrão de poder/saber de como foram pensados para serem subalternizados. Apesar de tentativa de subalternização, Arroyo destaca que esses povos originários, os quais ele chama de Outros Sujeitos pressionam as concepções pedagógicas a repensar-se nos processos de sua produção teórica e epistemológica. Neste sentido, Arroyo enfatiza que as presenças dos Outros na agenda política e até pedagógica se tornam extremamente incômodas ao pensamento pedagógico dominante porque o obriga a se entender inseparável das formas políticas e culturais de sua produção/conformação com subalternos. Conclui dizendo que, ao reagir à tentativa de subalternização, os Outros Sujeitos descontroem as autoidentidades do pensamento pedagógico. (ARROYO, 2012, p.11).

Nesta perspectiva, experiências nos mostram que a educação popular, a partir dos anos 60 do século passado, com as contribuições de Paulo Freire e, posteriormente, tantos outros teóricos, traz epistemologias outras para o pensamento pedagógico, desconstruindo uma educação hierarquizante e eurocêntrica.

Everaldo Fernandes (2011) diz que as teorias da educação popular, principalmente as concepções de educação, de cultura popular e de cotidiano, servem-nos de lentes interpretativas para inteligir o desenho, as características e a dinâmica das aprendizagens dos saberes populares que se deram ausentes dos espaços escolares. Fernandes, ao falar sobre os artesãos(as) do alto do Moura - Caruaru - PE, mostra que tanto as histórias de vida e de formação dos(as) artesãos, como as peculiaridades do campo empírico, centro de cultura popular, demandam leituras que as compreensões da educação popular podem orientar-nos (FERNANDES, 2011, p.25).

Concordamos com Fernandes, pois a educação popular nos traz outras lentes interpretativas da realidade e da própria pedagogia, mostrando que a educação existe para além dos muros da escola. Os movimentos sociais fazem essa militância e apresentam pedagogias outras tanto a nível interno, quanto pressionando para transformações no ensino formal. Os movimentos e coletivos fizeram e fazem diversas pressões e isso tem repercussão no chão da escola. Os movimentos sociais têm, em sua cultura e identidade, suas formas de resistência: são expressão direta do imaginário das pessoas. A história se materializa no cotidiano e potencializa o imaginário social popular, que é um campo de (re)invenção. Assim,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

acreditamos que uma educação que traga justiça epistêmica necessita ser contextualizada e intercultural, a partir das resistências e interesses das culturas populares de cada região, o que inclui: gestos, corporeidade, ancestralidade, pessoas que são referências e suas histórias de vida, a paisagem, dentre outros aspectos.

Na perspectiva de Arroyo, os coletivos populares ao se afirmarem sujeitos políticos, sociais, culturais, éticos, de saberes, memórias e identidades construídas nesses contextos, padrões de poder, dominação/subalternização, explicitam as concepções e epistemologias, não apenas em que foram conformados, subalternizados, mas, mormente, colocam na agenda pedagógica as pedagogias com que se formaram e aprenderam Outros Sujeitos. Diz ainda que os coletivos revelam outra história da educação: de serem sujeitos de outros processos pedagógicos ocultados, ignorados na história das teorias pedagógicas e que precisam ser reconhecidos.

Para Arroyo, esses processos pedagógicos estão colados à especificidade da tensa história desses coletivos sabalternizados de se afirmar sujeitos de história, memórias, saberes, culturas. Ao se afirmar presentes como sujeitos políticos e sociais, exigem o recontar dessa história pedagógica que os segregou como sujeitos e os relegou a meros objetos, destinatários das pedagogias hegemônicas. Salienta ainda que os coletivos populares exigem que sua história seja reconhecida e, ainda mais, que as narrativas da história oficial das teorias pedagógicas seja outra. Em suas presenças nos movimentos ou nas escolas trazem Outras Pedagogias; apesar de serem vítimas de processos históricos de dominação/subalternização trazem suas pedagogias de resistência. Conclui dizendo que trazem os contextos históricos, as relações políticas em que foram produzidos subalternos, contudo, também trazem, com maior destaque, as resistências a esses contextos (ARROYO, 2012, p.12-14).

Nesta perspectiva, percebemos que o pensamento de Fernandes ao falar sobre educação popular se aproxima com o de Arroyo. Fernandes destaca que a cultura popular não é simples reflexo do ideário mercadológico, mas portadora de reflexão, de produção do ser sujeito, despertando uma tomada de consciência e de identidade individual, grupal e coletiva. A isso, o autor chama da dimensão simbólica como expressão de “dizer-ser” no mundo conforme as formas, os valores e as escolhas de vida que também incluem referências autóctones, idiossincráticas e portadoras de sonhos alternativos e coletivos. Salienta ainda que não se trata

de uma percepção que envolve apenas as questões de classe social, mas também, comportando âmbitos de natureza étnica, de gênero, ambiental, religiosa e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cotidiana. Em sendo assim, a Educação Popular amplia os seus conteúdos, seus focos e abordagens dentro de um cenário multicultural, pois diariamente demanda-se novos olhares, reunindo princípios e revisitações de conceitos para lidar com os atuais movimentos sociais de cultura popular:

A Educação Popular assume a força-tarefa de escutar e valorizar as expressões da cultura popular percebendo suas forças embutidas de resistência e do alcance simbólico que expressam a partir de si mesmas capacidades de reinvenção das relações micro e macro estruturais, cuja força política transparece com formatos e manifestações diferentes de décadas anteriores. Portanto, a Educação Popular constitui-se, então, como um apelo ético-político e como encaminhamento epistemológico e pedagógico de promover o diálogo aproximativo entre as diferentes formas culturais em contínuo processo de formação, de socialização e de valorização recíproca (FERNANDES, 2011, p.31).

Nesta perspectiva, Luiz Eduardo Wanderley, ao falar sobre a dimensão cultural na globalização contra-hegemônica, diz que ela se origina em resistência e luta pelo resgate de culturas dominadas; por atuações que agregam o respeito à diferença, o multiculturalismo, o diálogo verdadeiro entre diferentes culturas e a valorização da cultura popular e intercâmbio entre a ciência e o sendo comum (WANDERLEY, 2010, p.14).

De fato, como salienta Fernandes, a educação popular assume a força tarefa de escutar e valorizar as expressões da cultura popular. Em sendo assim, acreditamos que ela é uma ferramenta da luta contra hegemônica, como Wanderley destaca. Os coletivos sociais, povos originários, assim como diversos movimentos pelo mundo, como: ecológico, feminista, negro, dentre tantos outros, nos trazem princípios de uma vida comunitária, de uma relação econômica fundamentada na solidariedade (economia solidária), de uma comunicação não-violenta e de práticas de respeito e diálogo inter-religioso e intercultural.

De tal forma, concluímos esse tópico com uma citação de Arroyo sobre os coletivos e movimentos sociais que, aos nossos olhos, parece concluir o que queremos partilhar:

Suas leituras do mundo, da cidade, do campo, das reações políticas, de produção, de trabalho, estão coladas aos resultados de suas resistências e de suas lutas por sobreviver a tantas opressões impostas. Nessas pedagogias de resistência aprendem outras formas de pensar coladas a formas de reagir e intervir tão diferentes da lógica do pensar oficial, até escolar, que só valoriza como pensar válido ir às causas, às múltiplas determinações do real. Seu pensar é outro construído a partir das múltiplas opressões e das consequências sociais, políticas de suas lutas, reações e resistências. Outros Sujeitos, Outras Pedagogias (ARROYO, 2012, p.15).

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



Saberes populares

Os saberes populares, historicamente silenciados e marginalizados, como discutimos acima, nos trazem diversos ensinamentos e cosmovisões que podem contribuir para novas leituras de mundo, para uma cultura de paz. Atualmente, percebemos diversos impactos no meio ambiente, desigualdades sociais, intolerâncias, dentre outros fatores negativos que assolam o mundo. De tal forma, experiências apontam que novas abordagens, epistemologias e formas de se (re)pensar a ciência são importantes para um mundo mais justo e equilibrado.

Carlos Rodrigues Brandão traz uma interessante experiência sobre a cosmovisão e leitura de mundo desses saberes. O autor cita uma conversa com um índio andino morador de La Paz, na Bolívia. O índio fez um paralelo entre a cultura indígena e a cultura ocidental. Brandão destaca que, inicialmente, ele disse que a cultura ocidental pensa tudo opondo uma coisa à outra e que isto está certo para muitas coisas, porque o quente é oposto do frio, assim como o alto é oposto do baixo. O destino de alguns opostos é o complemento e, assim, o são a noite e o dia, o inverno e o verão.

Todavia, a cultura ocidental, continuou relatando Brandão o que havia escutado do índio, quase sempre pensa os opostos como coisas separadas uma da outra e as duas separadas de algum tipo de todo. Por exemplo, continuou Brandão a relatar, entre os ocidentais se diz: “o meu quarto”, por oposição a todos os outros quartos de uma casa; “a minha casa”, por oposição às outras casas de uma mesma rua; “a minha rua”, por oposição à todas as outras ruas de um bairro; “o meu bairro”, por oposição a todos os bairros de uma mesma cidade; “a minha cidade”, por oposição a todas as outras. Ou então se diz “cidade” e a imagem é a de alguma coisa que o homem fez e separou dos rios, das matas, dos montes e das cordilheiras. Assim, Brandão prosseguiu a relatar:

Os índios da minha gente, ele dizia, pensam as mesmas coisas ao contrário. O meu quarto existe entre os outros e eles e outros cômodos formam uma casa. A casa só pode ser pensada junto com as outras, no *ayllu*, na aldeia. As aldeias todas juntas são o lugar de um povo e não se separam do mundo à volta delas. Assim como o meu quarto se continua na casa e a minha casa, nas outras e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

todas, na aldeia, a aldeia e os seus caminhos são parte das terras de batatas e milho, dos pastos do gado, dos bosques. E tudo isso existe dentro dos mesmos círculos de vida em que estão os rios e se prolonga pelos montes e pelas cordilheiras. E vai mais além, por todos os círculos da terra, das águas, dos espaços em que existem lugares e tempos e seres vivos e formas de energia. Assim, ele concluía, quando penso o meu quarto, só consigo imaginá-lo “num círculo de círculos”, onde tudo se continua e complementa. E me lembro que ele terminou o que dizia de uma maneira muito poética. “Por isso, para o índio não é difícil pensar que ele mora ao mesmo tempo em uma choupana, em uma aldeia, em um lugar natural do altiplano, nos montes, nos rios e tudo e na Terra inteira, e no universo e nas estrelas” (BRANDÃO, 1994, p.16-17).

Concordamos com os ensinamentos do índio boliviano pois, no ocidente, a visão que predomina é dicotômica. Quando falamos em ocidente, não queremos generalizar, inclusive, também não é a ideia do índio ao fazer essa citação. O que está sendo colocado é a cultura colonial e capitalista e os pressupostos da ciência clássica que criaram uma cultura de competição, de colonização de povos e de transformação na terra em um objeto a ser explorado. Em sendo assim, observamos que as cosmovisões indígenas e ancestrais estão nos trazendo uma outra leitura de mundo. De tal modo, a pergunta feita por Brandão após ouvir a fala do índio nos parece relevante: “Não deveríamos voltar a aprender com essas pessoas e esses povos tão mais próximos do mundo natural o que ao longo das eras de nossa própria história parece que esquecemos?” (BRANDÃO, 1994, p.18).

A partir dessa pergunta, acreditamos que chegou, sim, o momento de aprendermos com os diversos povos, sejam indígenas, camponeses, das águas, florestas, assim como diversos movimentos sociais que lutam por reforma agrária, por justiça social, pela cultura popular, dentre tantos aspectos. Esses povos e movimentos partilham diversas experiências que contemplam processos de ensino e aprendizagem, sustentabilidade, respeito e irmandade: princípios necessários para a atual conjuntura planetária.

Nesta direção, Everaldo Fernandes (2011) chama a atenção para o cotidiano. Na perspectiva do autor, os espaços cotidianos também podem ser lugares de aprendizagens, tais como, nas rodas de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conversa, nos ambientes de trabalho, nas feiras livres, etc. Ressalta ainda que um aspecto que se mostra constante e transversal é a presença das trocas de experiências, dos saberes acumulados, os quais iluminam os contextos vivenciados, desafiantes e possibilitadores, com vistas à superação das dificuldades presentes e, junto a isto, a conquista da liberdade, de tornar-se cidadão/ã. Com isto gera novas interatividades e compreensões, novas atitudes pessoais, interpessoais e sociais. Ressalta ainda que não aprendemos para, mas aprendemos em, que consiste em dizer que os nossos saberes têm uma tessitura coletiva, relacional como produção e destino sócio-existencial, político e cultural (FERNANDES, 2011, p. 37-41).

Nesta perspectiva dos saberes populares e, também, porque vamos abordar em nossa pesquisa os saberes de benzedeadas, é interessante trazer as contribuições de Maria Luzinete Bezerra (2005). Ela aborda sobre a história da benzeção em Caruaru - PE. Bezerra fala sobre as sagradas mulheres, seus mistérios, rezas e bênçãos. Neste sentido, para definir uma benzedead, Bezerra cita Elda Rizzo que define essas mulheres como cientistas populares que possuem uma maneira peculiar de curar, combinando os místicos da religião e os da magia aos conhecimentos da medicina popular. (BEZERRA, 2005, p.24-25).

Para Bezerra, Rizzo quer chamar a atenção para o fato de que, através desta prática de cura, há a possibilidade de um relacionamento mais próximo entre as pessoas, o qual favorece a afetividade e a solidariedade de grupos sociais que se identificam com a cultura popular, e também, justificaria a eficácia da benzeção. De tal forma, percebemos que esses saberes populares, ancestrais, etc, trazem visões de mundo outras, nas quais há uma relação harmoniosa com a natureza; nessa lida com a floresta, aprende-se a lidar com o outro(a) de maneira comunitária. A benzeção é um exemplo, pois traz a relação com a cura, com a partilha, com o ato de ajudar o próximo. Isso fica claro na fala da benzedead Olindina:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Deixo tudo e venho rezar. Muitas e muitas vezes. Qualquer pessoa que chegar aqui. Às vezes eu tou lavando roupa, lavando louça. - Entre e sente aí, que já saio.- Deixo tudo e venho atender, quando a pessoa sai é que vou terminar. Nunca atrapalha, não. Eu me sinto feliz, me sinto bem. Me sinto mal, quando chega uma pessoa que eu não posso ajudar. Deus me livre! Não quero que faça isso, não. Chegou na minha porta, o que eu puder fazer, eu faço (OLINDINA *apud* BEZERRA, 2005, p.92).

Segundo Bezerra essa relação dialógica possibilita a apropriação, a construção e a reconstrução do mundo no qual as pessoas se situam. No trabalho de criação desse mundo ligado à benzeção, as texturas conversacionais, efetivadas nas rezas e nos gestos, estão repletas de mecanismos, de recursos recobertos de sacralidade e, assim, parecem dar respostas às diferentes necessidades que se apresentam no dia-a-dia das pessoas que procuram a benzeção, as quais a legitimam por considerarem-na digna de fé (BEZERRA, 2005, p.94-95).

CONCLUSÃO

Para concluir, é interessante retomarmos nossa a pergunta inicial colocada por Brandão (1994): “Não deveríamos voltar a aprender com essas pessoas e esses povos tão mais próximos do mundo natural o que ao longo das eras de nossa própria história parece que esquecemos?”

Então, a partir da discussão, é interessante salientar que esses saberes são relevantes para a luta social, para que possamos mudar o mundo para a melhor. Dessa forma, os saberes populares nos convidam e provocam a entendermos os saberes ancestrais, que expressam a vida como um dialogo, um movimento com principios comunitários, como canta-se na capoeira “na volta que o mundo deu, na volta que o munda dá”. De acordo com esses valores percebe-se a importância dada à transmissão de princípios ancestrais, tais como: Respeito aos antepassados e aos mais velhos(as) da comunidade, valorização dos saberes que existem em cada comunidade, etc. Existe um proverbio Africano que salienta o seguinte: “se você não sabe para onde ir, volte para o lugar de onde veio.”

Este proverbio chama a atenção que as vozes e ensinamentos populares são essenciais para a identidade cultural e podem ser potencializadores do conhecimento.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Algo que fica marcado nos ensinamentos é que ancestralidade relaciona-se com a história e a memória de comunidades e grupos humanos. Tem a ver com os antepassados, as histórias de vida e o autoconhecimento dos indivíduos. Ela é bem significativa na cultura africana, indígena e culturas orais que, a partir de griôs e anciãos, pessoas mais idosas e sábias, acessam e mantêm seus costumes, conhecimentos, modos de vida, tradições, etc. Esses saberes permeiam os movimentos sociais e podem ser importantes instrumentos para uma educação e ciência edificantes, que estejam fortemente voltadas para a luta social por um mundo melhor. Sobre o ponto: saberemos ouvi-los(as)? Talvez a resposta esteja dentro de nosso coração.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BEZERRA, Maria Luzinete de Lemos. **Sagradas mulheres : mistérios, rezas e bênçãos :**

uma história de benzeção em Caruaru - PE/ Maria Luzinete de Lemos Bezerra. – Recife:

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2005.

FERNANDES, Everaldo. **Processos aprendentes e ensinantes dos/as artesãos/ãs do alto do**

moura: tessitura de vida e formação. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em

Educação da Universidade Federal de Pernambuco - 2011.

WANDERLEY, Luiz E. **Educação Popular: metamorfoses e veredas**. SP: Cortez, 2010.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br